

**Pró-Reitoria Acadêmica  
Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação  
Curso de Jornalismo  
Trabalho de Conclusão de Curso**

**ADEUS CHUVISCO: UMA GRANDE REPORTAGEM SOBRE O  
DESLIGAMENTO DA TV ANALÓGICA NO BRASIL**

**Autor: Lucas Sena e Silva Lélis  
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Kieling**

**Brasília - DF  
2017**

**LUCAS SENA E SILVA LÉLIS**

**ADEUS CHUVISCO: UMA GRANDE REPORTAGEM SOBRE O DESLIGAMENTO  
DA TV ANALÓGICA NO BRASIL**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Kieling

Brasília  
2017

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Monografia de autoria de Lucas Sena e Silva Lélis, intitulado “ADEUS CHUVISCO: UMA GRANDE REPORTAGEM SOBRE O DESLIGAMENTO DA TV ANALÓGICA NO BRASIL”, apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo da Universidade Católica de Brasília, em 22 de junho de 2017, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof. Dr. Alexandre Kieling  
Orientador  
Jornalismo – UCB

---

Profª Drª Renata Giraldi  
Jornalismo – UCB

---

Profª Me Eliane Muniz  
Jornalismo - UCB

Brasília  
2017

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus e a Nossa Senhora Aparecida por ter me dado força, saúde e principalmente paciência para enfrentar todos os obstáculos e dificuldades encontradas durante este curso de graduação.

À minha família, em especial a minha mãe, Maria Raimunda Sena e Silva, que sempre me apoiou e incentivou em todas as minhas decisões. Aos meus irmãos. Aos meus padrinhos, Geralda Lucinda e Raimundo Nonato, por todo o apoio ao longo desses quatro anos e meio.

Agradeço também a todos os colegas de trabalho das empresas que estagiei e trabalhei desde o início da graduação, o aprendizado extraclasse foi de enorme aproveitamento. Meu agradecimento especial à toda a equipe do SBT Brasília, local onde pude aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. E mais uma vez, o agradecimento à emissora por ter dado o apoio e ter cedido material para construção deste trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de graduação que juntos construímos trabalhos e projetos que hoje servem de exemplo para os graduandos mais novos. À Olfato Comunicação, empresa júnior na qual trabalhei voluntariamente e fui presidente por dois anos, deixando um legado de objetivos e credibilidade para os alunos e para a Universidade.

Agradeço também a orientação dos professores avaliadores deste trabalho, que ao longo do curso sempre me auxiliaram na elaboração de atividades e no ingresso ao mercado de trabalho.

Às professoras Fernanda Vasques e Rafiza Varão, que ao longo do curso sempre me motivaram a melhorar e buscar a excelência. Graças ao incentivo recebido delas pude construir uma reportagem que foi capa da revista Jenipapo e levou o prêmio de melhor reportagem no gênero literário/opinativo na Expocom Centro-Oeste 2016. Prêmio este que é o primeiro de inúmeros outros que desejo alcançar.

“Jornalista não tem fome, não tem sede,  
não tem cansaço, não tem sono, não tem  
hora. Tem é notícia.  
(Lucídio Castello Branco).

## RESUMO

Referência: LÉLIS, Lucas. **ADEUS CHUVISCO**: uma grande reportagem sobre o desligamento da TV analógica no Brasil. 2017. (Monografia em Jornalismo) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

Trabalho elaborado pelo autor que trata de uma grande reportagem televisiva sobre o desligamento da TV analógica no Brasil. O Brasil está passando por uma modernização em todo o seu sistema de transmissão de televisão, desde 1991 estuda-se a implantação do sistema de TV Digital terrestre no país, consolidado em 2007. A primeira grande cidade brasileira a sofrer com o apagão do sinal analógico foi Brasília, em 17 de novembro de 2016. A cidade passou a contar apenas com as transmissões digitais. Este trabalho é um produto que apresenta no formato de grande reportagem como ocorre processo de implantação e desligamento que está acontecendo.

**Palavras-Chave:** TV Digital, Desligamento Analógico, Televisão, Grande Reportagem.

## ABSTRACT

Reference: LÉLIS, Lucas. **GOODBYE CHUVISCO**: a great report on the analogue TV disconnection in Brazil. 2017. (Monograph in Journalism) – Catholic University of Brasilia, Brasilia, 2017.

Work elaborated by author of a great televising report on the analogue TV disconnection in Brazil. Brazil is undergoing a modernization in all its television transmission system, since 1991 it has been studied an implantation of the system of digital terrestrial television in the country, consolidated in 2007. The first great Brazilian city to suffer with the erasure of analog signal it was in Brasília, on November 17, 2016. The city started to rely only on digital transmissions. This work is a product that presents a great reporting format as the process of deployment and shutdown is happening.

**Keywords:** Digital TV, Analog Shutdown, Television, Large Report.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
1.1 OBJETIVO .....	10
1.2 JUSTIFICATIVA .....	11
<b>2 DISCUSSÃO TEÓRICA</b> .....	12
2.1 SIGNIFICADO DA PALAVRA E ORIGEM DA TV .....	12
2.2 A TV NO BRASIL .....	13
2.3 TELEJORNALISMO: CARACTERÍSTICAS .....	16
2.4 REPORTAGEM: COMO É FEITA .....	18
2.5 TV DIGITAL: DESAFIOS, CONTRADIÇÕES E REALIDADE .....	19
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	21
3.1 A REPORTAGEM .....	21
3.2 PROPOSTA DE PAUTA .....	22
<b>3.2.1 VT adeus chuvisco</b> .....	22
3.3 TEXTO: VT ADEUS CHUVISCO .....	23
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	30
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	32



## 1 INTRODUÇÃO

John Baird tornou possível a invenção da televisão a partir da primeira demonstração de uma imagem televisual, em Londres, na Inglaterra, em 1925. Inicialmente, a TV surgiu como um complemento do rádio, mas da mesma maneira que o cinema, a televisão se configurou como um espetáculo, reuniu pessoas e encantou. Mesmo com poucos receptores disponíveis nos anos 30, a experiência de ver televisão se tornou uma experiência socialmente compartilhada. Inicialmente, segundo Jost (2007), a TV é considerada uma intermedia, uma vez que ainda não tem práticas e linguagens consolidadas. Somente a partir do momento que os programas televisivos passam a ter uma lógica operativa própria, é que a TV se consolida verdadeiramente como uma mídia.

No Brasil, a televisão nasce da aspiração e da vaidade de Assis Chateaubriand em 1950. A primeira emissora a entrar no ar foi a TV Tupi, mas somente experimentou a profissionalização em 1965 com a fundação da Rede Globo<sup>1</sup>. Desde a implantação da Rede Globo, a população brasileira passou a incorporar a TV nos hábitos de consumo de meios de comunicação e os avanços tecnológicos passaram a se consolidar. A partir daí o número de emissoras se ampliou e os profissionais de comunicação se especializaram na produção televisiva, a programação se tornou um elemento fundamental para o reconhecimento das grades de cada canal estabelecendo vínculo com o público.

Entre os anos de 2006 e 2007 o Brasil entrou na discussão sobre a implantação da TV digital e o modelo a ser escolhido emergiu como temática central a partir de pesquisas iniciadas pela Universidade Mackenzie sobre os três modelos existentes: americano, europeu e japonês. Depois de uma ampla divulgação, realização de fóruns e seminários, realização de audiências públicas em diferentes instituições e esferas da sociedade, o modelo anunciado em 2006 por meio de decreto presidencial foi o japonês.

O Brasil passa, então, por uma ampla necessidade de adequação de aparelhos receptores e de conscientização da população sobre o desligamento do sinal

---

<sup>1</sup> Apesar de a TV iniciar um período de empreendimento na sociedade brasileira, é fato conhecido que a Rede Globo se consolida a partir de um acordo ilegal com o grupo norte-americano Time-Life. Os avanços tecnológicos e a implementação de conhecimentos técnicos a partir de profissionais estrangeiros confrontavam com a legislação vigente. Por essa razão, diz-se que a Globo é o resultado de uma ilegalidade. (HERTZ, 1987)

analógico. Foi elaborado um cronograma de trabalho para execução das atividades relativas à preparação e implantação da TV digital junto ao público e às emissoras.

Diante desse contexto, o trabalho que se pretende realizar para conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo, é uma grande reportagem televisiva buscando resgatar a história de implantação da TV digital e o processo de adaptação da produção jornalística noticiosa a esse novo modelo de fazer televisão no Brasil.

O trabalho, portanto, dividir-se-á, inicialmente, em duas partes: a construção do memorial do produto (grande reportagem), incluindo o resgate de dados e informações históricas relevantes para registro teórico, mas também fundamentais para o processo de apuração e construção da pauta; e uma segunda parte que é o produto propriamente dito, editado e finalizado acompanhado de memorial descritivo finalizado diante das correções das duas bancas de avaliação a serem realizadas para apreciação do trabalho.

Para a realização da banca de qualificação, foram priorizadas pesquisas sobre a história da televisão, com foco na produção televisiva brasileira, na história e desenvolvimento da implantação da TV digital no Brasil, especialmente sobre o modelo adotado (ISDBT – um sistema híbrido nipo-brasileiro – detalhando mais adiante) e sobre as condições e alterações no processo produtivo jornalístico no novo ambiente digital. Priorizou-se, neste primeiro momento, a pesquisa bibliográfica. A pesquisa exploratória será utilizada na parte de produção do produto.

O objetivo deste trabalho, como já mencionado, é produzir uma grande reportagem com a finalidade de esclarecer o processo de mudança de sinal de transmissões terrestres, registrar as impressões do público com relação à digitalização do sinal de televisão e manter historicizada o fim do ciclo analógico bem como o próprio processo de migração.

Almeja-se que esse material possa, de alguma maneira, contribuir como registro acadêmico desse período, contribuindo como apontamento e testemunho deste momento histórico da televisão.

## 1.1 OBJETIVO

A grande reportagem, *Adeus Chuvisco*, tem por objetivo apresentar o que é o desligamento do sinal analógico de televisão no Brasil. Mostrando quais são os reais

impactos e diferenças na vida de milhões de brasileiros que há mais de 60 anos acompanham as principais notícias do mundo, entretenimento e diversão a partir deste meio de comunicação.

A leveza e a correta construção textual e de imagens é o que guia este produto. Seguindo padrões de construção de reportagens para televisão e as dicas apresentadas por BISTANE e BACELLAR (2008) no livro *Jornalismo de TV*, compreende-se que o jornalista tem por missão e obrigação apresentar um novo olhar para os temas comuns a sociedade, levando novidade e informação ao telespectador.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho é relevante dentro do campo da comunicação, pois, o produto apresentado tem o respaldo da teoria do agendamento ou teoria do agenda setting, já que o desligamento da TV analógica vai provocar mudanças em toda a população, sendo assim um tema de interesse público.

A proposta deste trabalho surgiu durante a disciplina laboratorial de Produção e Edição de Impressos, ministrada no 6º semestre curricular do curso de jornalismo. Na disciplina é produzido o jornal-laboratório *Artefato*, onde os alunos realizam todos os processos de produção de um jornal impresso. Na última edição do 2º semestre de 2015, a colega de disciplina, Marianne Paim, propôs escrever em parceria com o autor deste projeto uma matéria que explicasse como funcionava a TV Digital.

Durante um mês todas as informações foram apuradas e personagens opinaram sobre o tema, como a costureira Walquiria Soares, 72 anos, relatado no seguinte trecho da matéria do jornal *Artefato*:

O novo sinal foi motivo para reunir a família e tornar o velho hábito ainda mais frequente. Mãe de cinco filhos, ela garante que sempre foi fascinada pela televisão. “Lembro de quando minha mãe tinha que dar uns tapas na TV ou mudar ela de lugar para que o chuveiro saísse, ficávamos horas tentando”. Se nada dava certo, ao menos ela e os irmãos tinham uma distração. “Quando não funcionava nem com palha de aço nas antenas, a brincadeira era a corrida de mosquitos – o chiado em preto e branco quando ficava sem sinal”, brinca. (LÉLIS e PAIM, 2015).

## 2 DISCUSSÃO TEÓRICA

### 2.1 SIGNIFICADO DA PALAVRA E ORIGEM DA TV

No Dicionário Online de Português (Dicio, 2017), encontram-se as seguintes explicações para a palavra televisão: “Aparelho receptor dessas imagens. Transmissão à distância, por via elétrica, de imagens não permanentes de objetos fixos ou móveis” (DICIO, 2017). Mas a televisão significa muito mais que isso, pois é um meio de comunicação complexo e está ligado à cultura de uma nação e ao compartilhamento simbólico de elementos comuns a uma determinada cultura.

Para esse trabalho, portanto, é necessário fazer um resgate histórico de quando a TV surgiu, pois, a implantação da televisão digital é um processo de evolução histórica da TV desde os seus primórdios. Há registros de pesquisas desenvolvidas por físicos e químicos, no século XIX, que abriram as portas para a criação um aparelho que fosse capaz de transmitir imagens a longas distâncias, que se concretizaram no ano de 1840, com um envio telegráfico realizado por Alexander Bain.

Quatro décadas após o primeiro envio de imagem, o britânico Willoughby Smith descobriu o princípio que fez com que o formato de transmissão e recepção de imagens fosse criado, isso partiu da substância química selênio, essa substância pode converter energia luminosa em elétrica.

Já no fim do século XIX, essas pesquisas foram se aprimorando e os transmissores de imagens à distância estavam em realidade próxima. Segundo Pinto (2016), as imagens e os sons transmitidos ainda não tinham boa nitidez, o que fez com que o escocês John L. Baird, em 1920, pesquisar e trabalhar os diversos princípios já apresentados anteriormente por outros estudiosos. Os experimentos de Baird resultaram na melhoria da qualidade de transmissão graças ao equipamento desenvolvido por ele.

Desde então os estudos para avançar a tecnologia da televisão seguiram em constante evolução. Em 1923, foi criado o iconoscópio, um tubo de imagens desenvolvido pelo russo Wladimir Zworykin, que acabou chamando a atenção da empresa norte-americana RCA. Os serviços do russo foram contratados e dessa parceria surgiu o primeiro televisor fabricado em escala, era o Orticon. Até o ano de

1930, o televisor foi sendo ajustado até ganhar maior visibilidade comercial e, em alguns países se tornou um negócio rentável, como hoje é no Brasil.

Os alemães foram os primeiros a realizarem uma transmissão televisiva, em março de 1935, época em que imperava o regime nazista liderado por Adolf Hitler. Todo o recurso tecnológico envolvido na transmissão foi utilizado para ser mais um meio de propaganda do governo de Hitler. Em sequência, franceses e britânicos também investiram na transmissão de imagens e na construção de estúdios.

Desde então os estudiosos da área já buscavam métodos de realizarem transmissões de imagens com cores, já que até este momento da história as imagens transmitidas eram em preto e branco. O feito da transmissão de imagens a cores foi realizado apenas em 1954 pela emissora norte-americana NBC.

Em 1962, foi realizada a primeira transmissão de televisão entre dois continentes. O satélite Telstar realizou enviou imagens de TV dos Estados Unidos para a Europa.

## 2.2 A TV NO BRASIL

Em 18 de setembro de 1950 entrava no ar a PRF-3 TV Difusora, depois TV Tupi, em um precário estúdio na cidade de São Paulo, São Paulo. Com uma programação totalmente ao vivo e que ficava no ar por apenas algumas horas no início da noite, as transmissões de televisão tinham limitações.

No período em que a TV chegou ao Brasil o rádio era o principal meio de comunicação existente no Brasil, conseguindo levar informação e entretenimento a maior parte do país, tendo em vista as taxas de analfabetismo brasileiras<sup>2</sup> e o fato de que o suporte não exige alfabetização. Foi a partir disso, que a TV passou a empreender um modo de fazer televisão ligada ao rádio justamente pelas limitações técnicas que a TV tinha na década de sua inauguração, bem como a necessidade de aproveitar os profissionais do rádio para desenvolver os primeiros trabalhos na TV.

Todavia, o sistema de radiodifusão brasileiro é público e as empresas que detinham os canais de transmissão acabavam sofrendo controles por parte do Estado, começando pelo governo do ex-Presidente Juscelino Kubitschek que abriu as portas

---

<sup>2</sup> Roquette Pinto teria idealizado o rádio para ser o divertimento dos pobres. Diferentemente da TV, o rádio surge de uma iniciativa mais voltada para a produção de cultura coletiva, com menos vínculos comerciais, como foi o caso das rádios clubes.

para empresários lançarem suas estações de TV. Iniciava-se aqui o favoritismo político nas concessões de TV do Brasil. Este processo seguiu por toda a ditadura militar até o início da Nova República, no governo Sarney.

A partir de 1988, com a nova Constituição, o processo de concessões de Rádio e TV mudou e deixou de ser de controle exclusivo da Presidência da República. Desde então, a outorga e/ou renovação da concessão da emissora deve passar pela aprovação do Congresso Nacional<sup>3</sup>, que é o poder que representa a voz da população.

Desde então, as emissoras têm autorização para operarem na frequência de rádio por dez anos e, na TV, por 15 anos. Mesmo com esse formato, o Estado ainda continua exercendo influência nestes veículos, já que para continuarem em transmissão precisam da aprovação do poder Legislativo e também das verbas publicitárias das propagandas de governo.

Desde o início da televisão no Brasil, o mercado publicitário sempre esteve presente. No ano de 1960, o número de aparelhos de TV era baixo, os anúncios também seguem em baixa, mas com apoio das agências publicitárias estrangeiras que estavam instaladas no Brasil e tinham experiências nesse ramo, teve início à exploração profissional do mercado publicitário na televisão. Com isso, os investidores passaram a influenciar diretamente nos conteúdos das emissoras.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas no período de implantação da televisão no Brasil, os jornais impressos louvavam a chegada da TV, como um veículo de alto nível. Nos primeiros anos, a televisão era apenas mais um luxo que a elite brasileira possuía. Quando a TV começou em solo brasileiro, Assis Chateaubriand<sup>4</sup> mandou instalar aparelhos receptores em praças públicas para que o máximo de pessoas pudesse prestigiar a programação da TV.

Ainda na década de 50, surgiram diversos programas e telejornais que possuíam o nome das empresas patrocinadoras, é o caso do “Repórter Esso”, um produto que foi adaptado do rádio para a TV. O telejornal teve sua primeira transmissão em 1º de abril de 1952 e permaneceu no ar até dezembro de 1970, quando os anunciantes passaram a comprar espaços entre os programas.

No que concerne ao desenvolvimento tecnológico, no Brasil, a televisão

---

<sup>3</sup> Sobre essa questão, há diversas controvérsias, pois as concessões de televisão se tornaram moeda de troca entre famílias poderosas no país e políticos brasileiros, gerando uma relação de promiscuidade das emissoras de televisão com o poder público.

<sup>4</sup> Há registros na história da televisão no Brasil, de que Chatô, como era chamado Assis Chateaubriand, teria trazido aparelhos receptores contrabandeados para a primeira transmissão pública de televisão.

começou em estruturas e programações muito precárias apenas em 1959. Com a implantação da TV Excelsior é que as mudanças tecnológicas começaram a aparecer e também em uma estrutura empresarial mais parecida com a que possuímos atualmente. Com o surgimento da TV Globo, em 1965, que dispunha de grandes recursos financeiros, iniciou-se uma modernização e padronização em escala até o modelo que acompanhamos hoje, em quase 100% dos lares brasileiros.

Os 21 anos de regime militar no Brasil foi uma época em que a mídia televisiva ficou refém do Estado e da censura. Todo o financiamento e apoio do regime aos empresários fez com que as emissoras e suas programações seguissem um posicionamento de sustentação.

Em 1967, com o Ato Institucional nº 4, o governo militar impôs uma série de regras para o mercado midiático que vigoraram praticamente sem alterações até a constituinte de 1988. O ápice da violação de direitos de liberdade de expressão foi o Ato institucional nº5, que dava plenos poderes ao Executivo de praticar a censura para qualquer programa.

Nos anos 1970, com a sofisticação das programações da TV, a chegada da TV a cores e a censura do regime militar, a televisão apresentava um verdadeiro mundo de fantasias aos telespectadores. Enquanto o mundo sofria com guerras, crises, greves e o caos, o Brasil (nos noticiários) parecia que estava apenas caminhando para o progresso e que tudo ocorria muito bem nas terras tupiniquins<sup>5</sup>.

Foi durante o governo militar que a TV Globo aproveitou para modernizar o modo de produção de suas telenovelas, vendendo-as para diversas emissoras mundo afora, gerando lucros significativos. A partir da década de 80, a empresa começou a receber produtos produzidos por produtoras, como a Abril Vídeo.

A cassação dos direitos da TV Tupi por dívidas com o governo, deu espaço para duas novas emissoras: a Manchete e o SBT. Foi também nesta época que o Ato Institucional nº 5 foi derrubado, devolvendo a liberdade de expressão aos veículos de comunicação.

A partir da redemocratização, os veículos de comunicação passaram a ter mais liberdade e também diversas obrigações perante a nova Constituição, de 1988, em

---

<sup>5</sup> O documentário Muito Além do Cidadão Kane traz evidências de que as notícias televisivas sobre o Brasil colocavam o país num patamar de desenvolvimento jamais visto antes, enquanto que, na realidade, o país estava sofrendo com a “mão pesada” do governo ditatorial. Importante ressaltar que a televisão foi, de alguma forma, um projeto ambicioso de Assis Chateaubriand que se desenvolveu com maior ênfase com o governo ditatorial, pois se tornou uma bandeira do governo militar.

que há um parágrafo exclusivo para a comunicação assegurando os direitos de liberdade e também deveres que devem ser apresentados nas programações, tais como: promover programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, procurando estimular a produção independente, visando a promoção da cultura nacional e regional.

### 2.3 TELEJORNALISMO: CARACTERÍSTICAS

O telejornalismo fez com que o profissional da comunicação ganhasse ares de celebridade, afinal de contas a televisão é um meio em que a imagem do jornalista fica em evidência. Ainda assim é importante enfatizar que a informação e a notícia são os elementos principais do telejornalismo.

Conforme dito anteriormente, no Brasil, o telejornalismo tem uma base oriunda do rádio, que era o principal meio de comunicação do país antes da chegada da TV. Os primeiros telejornais possuíam características marcantes dos jornais de rádio. Os enquadramentos de imagem eram bem fechados. Assistindo às antigas transmissões é possível perceber que quase sempre só se via a cabeça do apresentador ou do âncora dos telejornais.

Outro ponto marcante do telejornalismo brasileiro se dá pela narração. Os repórteres da época usavam a mesma linguagem e entonações vocais do rádio. Um exemplo clássico deste tipo de locução pode ser observado no Repórter Esso, um dos diversos programas de rádio que migraram para a TV. Na época havia uma fita gravada pelo próprio Heron Domingues, âncora do famoso programa na Rádio Nacional, com instruções de locução. A fita-modelo fazia parte do manual de redação da emissora.

A jornalista Regina Vilela (2008) destaca o início do telejornalismo no Brasil. Nos primórdios da TV Tupi, que começou suas transmissões apoiada na programação do rádio, o Repórter Esso, que se consolidou no rádio, ganhou sua versão para a programação da TV em 1952, em que a única diferença do programa de rádio eram as imagens, que em sua maioria eram abastecidos pelas agências internacionais e da Agência Nacional.

O noticiário adotava a mesma metodologia da produção radiofônica, porém a diferença era acentuada pela inserção de imagens. A edição, pontualmente



no ar às 19:45h, era exibida nos estados onde a TV já havia chegado (VILLELA, 2008, p. 21).

O Repórter Esso, assim como no rádio, também conquistou o público da televisão e alcançou a mesma credibilidade, mas o regime militar imposto ao Brasil na década de 60 contribuiu para o fim das transmissões do noticiário em 1970.

A chegada da TV Globo em 1965 foi um período de transformações no telejornalismo brasileiro, a emissora apostava em duas vertentes de programação: entretenimento e notícias. A emissora carioca comandada por Walter Clark reuniu as experiências de sucesso das concorrentes Tupi, Record, Excelsior e TV Rio. (VILLELA, 2008, p. 20).

Após várias experiências na programação da TV Globo, foi criado o Jornal Nacional em 1969, que entrava no ar às 19h45. Antes e depois do conteúdo jornalístico sempre foram exibidas telenovelas. Villela (2008) conclui que essa manobra de programação fez com que assistir TV se tornasse uma questão de hábito.

O Jornal Nacional (JN) seguia a mesma dinâmica do Repórter Esso em seus primeiros anos, que logo foi se modernizando com a chegada do videotape, nos anos 1970, e a inserção de sonoras. O JN desde então é o principal telejornal transmitido nacionalmente no Brasil, ele abrange os assuntos mais relevantes, busca antecipar as pautas que serão manchetes nos jornais impressos do dia seguinte. Segundo Bonner (2009), o JN tem como missão:

Por ser um jornalístico, apresenta temas comuns aos jornais impressos, aos programas jornalísticos de rádio, aos sites da internet voltados para notícias e, em parte, às revistas semanais de informação. (BONNER, 2009, p. 13).

Machado (2000) afirma que o telejornal é o lugar onde se apresenta os fatos dos eventos. Podemos definir então que a televisão apresenta dois tipos de telejornal:

**Telejornal polifônico:** Aqui as matérias possuem um começo e meio estruturados, mas a resposta final fica para o entendimento e escolha do telespectador. Em um jornal polifônico temos um apresentador, ele apenas lê as notícias e não emite qualquer opinião sobre os temas do jornal. É jornal que podemos considerar 100% isento e imparcial.

**Telejornal de opinião:** São produtos como o Balanço Geral (Com edições em praticamente em todas as praças da TV Record) e Brasil Urgente (TV Bandeirantes). Este tipo de telejornal possui um âncora, ele além de apresentar as notícias, comenta

e emite opiniões.

## 2.4 REPORTAGEM: COMO É FEITA

A notícia é a matéria-prima da televisão. Curiosidade, novidade, interesse público, proeminência, consequências, atualidade são elementos necessários para que o fato se transforme em notícia. Segundo Fraser Bond, “notícia é um acontecimento, ainda que assombroso, mas a narração desse acontecimento” (BOND apud FERRARETO, 2001, p.194).

A rotina de produção jornalística em televisão envolve alguns processos importantes como: a produção da pauta, a escolha das fontes de informação, a composição e organização da equipe de reportagem, a realização de entrevistas, o processo de captação de imagem, de produção do texto e de edição final para veiculação.

A produção da reportagem envolve a produção da pauta e a escolha de fontes. A pauta não deve ser uma camisa de força. Deve ser pensada no sentido de um planejamento racional da reportagem, aproveitando imagens, logística e outras questões como: equipe, equipamentos, carros no melhor aproveitamento de horários, considerando fatores como o trânsito. No que concerne à escolha de fontes, o trabalho do produtor é garantir que a fonte esteja disponível e apta a falar sobre o assunto correspondente à pauta. Para isso, é necessário realizar o que se chama de pré-entrevista para conseguir informações relevantes para o repórter ir a campo e garantir que a pauta se sustente ao longo de sua execução.

A outra parte do processo produtivo corresponde à execução propriamente dita. A definição da equipe de reportagem é imprescindível e essa é, geralmente, formada por três pessoas: o repórter, o cinegrafista ou repórter cinematográfico e o auxiliar, que também pode exercer a função de motorista.

Para a execução deste trabalho, pretendeu-se contar com uma equipe composta por repórter, cinegrafista e auxiliar. A reportagem conta com entrevistas com personagens, especialistas e autoridades competentes no assunto, imagens de apoio e gravação de passagem. Foi indispensável na execução da grande reportagem o uso da imparcialidade, técnicas de gravação, texto e edição e coerência ao assunto abordado.

O produto é explorado a partir da percepção e necessidades em que as personagens se adaptaram ao novo sistema de transmissão de televisão e a partir daí mesclar as demais sonoras das autoridades e especialistas do ramo.

Pretendíamos utilizar a entrevista dialogal que é a entrevista marcada com antecipação e que reúne o entrevistado e o repórter em um local específico. Esse tipo de entrevista transcorre a partir de questões propostas pelo repórter, permitindo maior aprofundamento da questão. A entrevista dialogal fora marcada pelo produtor e o repórter vai para a rua já sabendo quem irá entrevistar.

Com relação aos objetivos da entrevista, a grande reportagem irá contemplar as entrevistas do tipo testemunhal e temática. A primeira é o relato de um entrevistado sobre algo de que ele participou ou assistiu; a segunda é a entrevista que aborda um tema sobre o qual o entrevistado tem condições de falar.

A estrutura da reportagem é um aspecto importante e que deve ser levado em conta durante o processo produtivo, para que ao final, no processo de edição, o produto não fique comprometido. A estrutura recomendada, geralmente, nos manuais é a seguinte: off-sonora-off-sonoras-passagem-off-sonora, mas outras possibilidades também são admitidas.

OFF:	Texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens.
SONORA:	Entrevista gravada.
PASSAGEM:	Imagem do repórter trazendo um texto informativo sobre o assunto.

Produzido pelo autor a partir de BACELLAR E BISTANTE (2008).

## 2.5 TV DIGITAL: DESAFIOS, CONTRADIÇÕES E REALIDADE

A discussão sobre a implantação da TV digital se iniciou em 1991, a partir de testes realizados por institutos brasileiros de pesquisas. A indicação foi pelo padrão

japonês, por possuir uma melhor performance. Segundo pesquisadores, o padrão japonês é o que possui melhores possibilidades e é o mais completo, tendo sido o modelo de televisão digital a ser lançado mais recentemente e tendo aperfeiçoado algumas características em relação ao modelo europeu.

De acordo com Bacellar e Bistane (2008), à época em que o livro foi escrito, as autoras previam que a tecnologia da TV digital garantiria imagem e som de qualidade e uma interatividade como a que proporciona a rede mundial de computadores (internet).

Essas mudanças irão alterar também a rotina da montagem das matérias. Hoje, é realizada por um profissional especializado – o editor de imagens, nas ilhas de edição. Com a nova tecnologia, será feita pelos editores de texto, direto no computador. Imagens brutas e reportagens exibidas ficarão armazenadas em um servidor, disponíveis simultaneamente para toda a redação. (BACELLAR E BISTANE, 2008, p. 118).

Segundo as autoras, essa realidade já era possível em Campinas, interior de São Paulo, na EPTV – Empresa Paulista de Televisão. Apesar das possibilidades de redução do número de editores de imagem, a empresa não tomou essa medida, mantendo os profissionais para edição de materiais mais especiais ou séries que exigem mais dedicação e um trabalho mais elaborado.

Em 1994, as discussões tomavam forma, mas apenas em 2003, elas chegaram a um contexto, desenvolver um sistema nacional de televisão digital. O esforço resultou no Decreto Presidencial 4.901, de 26 de novembro de 2003, que instaurou o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), e criou um Comitê de Desenvolvimento.

Este Comitê foi responsável por analisar qual seria o melhor modelo a ser implantado no Brasil. Os resultados das pesquisas mostraram que era inviável o uso do padrão americano. Decidiram então pela escolha dos modelos japonês e europeu. Eles apresentaram melhores qualidades de imagem, áudio e intensidade de sinal em grandes cidades. Por fim, o modelo escolhido foi o japonês, que apresentou o melhor desempenho na recepção de sinal com antenas internas.

Em 29 de julho de 2006, foi assinado um acordo com o governo do Japão e foi estabelecido o modelo de referência para o sistema nacional. Os benefícios que a TV digital proporciona são diversos: desde o avanço da qualidade de imagem, do som até a interatividade do telespectador com a emissora.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 A REPORTAGEM

**Nome:** O nome do produto remete ao fim dos problemas de recepção de sinal de televisão que eram bem comuns, como a imagem com fantasmas e interferências, por exemplo. Com o fim dos problemas de captação de sinal podemos realmente dar adeus a eles. A partir disso surgiu o nome desta reportagem Adeus Chuvisco: Uma grande reportagem sobre o desligamento do sinal analógico de televisão no Brasil.

**Formato:** Este produto utiliza os padrões técnicos utilizados em reportagens gravadas nas emissoras de TV que já transmitem suas programações em alta definição. Todo o equipamento necessário para a gravação de imagens foi fornecido pelo Centro de Rádio e Televisão da Universidade Católica de Brasília. As imagens gravadas para esta reportagem foram feitas em 16:9. Somente imagens de arquivo anteriores a implantação da nova tecnologia estão em 4:3.

**Imagens:** Para seguir uma linha de continuidade histórica, foram utilizadas imagens de arquivo do SBT Brasília, cedidas gratuitamente para este fim acadêmico pela direção e chefia de reportagem da emissora.

As imagens captadas pelo grupo de pesquisa DF Digital, comandado pelo professor orientador deste trabalho na Universidade Católica de Brasília (UCB), também foram utilizadas para ilustração de reais demonstrações da troca e instalação de equipamentos como conversores digitais, por exemplo.

A captação de imagens das entrevistas foi feita com uma câmera DSLR Canon T5i pessoal por falta de disponibilidade de equipamento profissional da instituição.

**Entrevistas:** As entrevistas jornalísticas para a construção desta reportagem são desde autoridades a personagens. Foram convidados representantes das entidades e personagens:

**MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES:** Willian Ivo Kosshevnikoff Zambelli, Coordenador geral de televisão digital;

**ABERT:** Luis Alberto Antonik, Diretor Geral;

**SEJA DIGITAL:** Margarida Minervina Da Silva, voluntária;

**PERSONAGEM:** Elisabete Cordeiro da Rocha, dona de casa e moradora do Sol Nascente – Ceilândia, Distrito Federal.

**Texto:** O texto narrado no produto apresentado seguiu as orientações ministradas nas disciplinas de Técnicas de Produção Jornalística I, II e III, Telejornalismo e Produção e Edição em TV, seguidos da edição do professor orientador.

**Edição:** Para a edição deste produto foi utilizado o programa Adobe Premiere CS6. O aluno fez a montagem das imagens. A finalização de coloração e áudio foi feita por um técnico do Centro de Rádio e Televisão da UCB.

## 3.2 PROPOSTA DE PAUTA

### 3.2.1 VT adeus chuva

#### ENCAMINHAMENTO:

Vamos descobrir como foi a mudança do sinal de televisão para os telespectadores. Conversaremos com uma personagem que recebeu o kit de TV Digital gratuitamente pela Seja Digital e saber dela como foi a mudança. Também vamos gravar com representantes dos órgãos oficiais para termos o lado técnico da mudança. O objetivo do VT é construir uma narrativa sobre os benefícios da migração do analógico para o digital e mostrar para os telespectadores das cidades que ainda não migraram para a TV Digital que é importante realizarem a mudança o quanto antes e que os benefícios serão incríveis.

#### INFORMAÇÕES:

No dia 17 de novembro de 2016, foram encerradas as transmissões analógicas de TV em Brasília, que foi a primeira grande cidade do país a dar fim ao modelo antigo de transmissão. O apagão do sinal analógico deve ser finalizado até dezembro de 2018. Todo o processo passa por uma série de regras, legislações e caros processos tecnológicos.

Em 2003 foi implantada a TV digital no Brasil, por meio do decreto nº 4.901, que instituiu o Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD). De lá para cá as emissoras de TV aberta têm se modernizado para levar a melhor qualidade de imagem

possível até a casa dos brasileiros.

Muito além de proporcionar uma melhor qualidade de imagem e som, a TV digital vai mudar a relação entre a mídia e o telespectador. O sistema digital vai mudar a forma como os brasileiros assistem televisão. A interatividade é ponto chave nesse processo. Na TV digital, o telespectador recebe mais do que apenas a informação presente na produção dos programas e telejornais das emissoras.

Quem já tinha assinatura de TV a cabo poderá perceber que a TV aberta proporciona recursos que antes apenas eram possíveis com a adesão à TV a cabo, tais como a programação diária na tela, pausa e gravação da programação e o envio de informações para as emissoras, seja pela votação de alguma enquete ou reality show ou a participação em programas por meio das redes sociais.

#### Conversor gratuito

Os beneficiários do Programa Bolsa Família terão direito a um Kit Digital gratuito, com um conversor, antenas e controle remoto. O aparelho deverá ser distribuído a 14 milhões de inscritos no programa e, além de interatividade, possibilitará o acesso à internet. Juntamente com o conversor, o Kit Digital gratuito incluirá uma antena interna, que poderá ser usada em cidades com onde há dificuldades para instalação e na captação de sinal.

O projeto Seja Digital foi um dos responsáveis por orientar os telespectadores sobre a importância de realizar a migração para o novo sinal e como deveria ser feita a instalação dos equipamentos necessários para a correta recepção. Eles fizeram diversas ações por toda a cidade mostrando, na prática, como o processo aconteceria e como de adaptar para a mudança.

### 3.3 TEXTO: VT ADEUS CHUVISCO

[OFF 1]

OLHA A ALEGRIA DA DONA BETE AO ASSISTIR DESENHO ANIMADO COM OS NETOS NA TV DIGITAL. MAS TUDO ISSO É UMA GRANDE NOVIDADE PARA A FAMÍLIA. A DONA BETE LEMBRA DAS LIMITAÇÕES PARA ASSISTIR TV NA ERA ANALÓGICA.

[SONORA DONA BETE 1] MVI\_0176 0'33" – 1'02"

“Eu assistia numa péssima condições, assim né, porque eu tinha uma antena, como te falei, uma parabólica, que, já velha e o sinal era péssimo na televisão. A gente quase não tinha como assistir televisão, né. Os canais, tinham alguns canais que pegavam mais ou menos e outros piores ainda né [sic]”.

[OFF 2]

A BAIXA QUALIDADE DA RECEPÇÃO DE SINAL ANALÓGICO DE TELEVISÃO JUNTO COM A PRESSÃO DAS OPERADORAS DE TELEFONIA MÓVEL PARA CONQUISTAREM MAIS ESPECTRO DE SINAL PARA MELHORAR A QUALIDADE DA INTERNET 4G FEZ O GOVERNO FEDERAL ACELERAR A DIGITALIZAÇÃO DA TRANSMISSÃO DE TV NO BRASIL.

[SONORA MCTIC] MVI\_0147 0'14" - 1'27"

“O governo, então, resolveu licitar a faixa de 700MHz que compreende do canal 52 até o 69 dos canais de televisão, que é utilizado ainda hoje pelos canais de televisão, mas já está sendo limpada essa faixa da televisão para a utilização da banda larga 4g, o LTE, vai ser utilizado assim na faixa dos 700 MHz.

Porque é bom para as telefonias essa faixa, porque elas conseguem usar com essa faixa utilizar menos torres para cobrir para cobrir uma mesma área. Por exemplo: hoje ela tem três torres para cobrir uma área e entrando nessa frequência, que hoje ela tá em 2.4 giga, então com uma maior frequência cobre um pouquinho menor uma área. Então você indo para uma frequência menor você consegue cobrir uma melhor área com uma torre só. Isso é bom tanto para as operadoras de telecomunicações como para a população, que vai ter um melhor alcance das torres e vai ter uma melhor utilização da tecnologia 4g nos seus celulares”.

[OFF 3]

O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO DA TELEVISÃO BRASILEIRA INICIOU MUITO ANTES DE COMEÇARMOS A VER AS CAMPANHAS INFORMATIVAS SOBRE A MUDANÇA NA TECNOLOGIA. O MODELO ADOTADO AQUI FOI IMPORTADO DO JAPÃO, COM A INCLUSÃO DE ALGUMAS MUDANÇAS DESENVOLVIDAS POR PESQUISADORES BRASILEIROS. É O CASO DA INTERATIVIDADE QUE PERMITE A TRANSMISSÃO DE DADOS PELO AR E A EXECUÇÃO DE APLICATIVOS NOS APARELHOS DE TV OU NAS CAIXAS CONVERSoras DE



SINAL. OU AINDA A MULTIPROGRAMAÇÃO QUE A SUBDIVISÃO DE PROGRAMAÇÃO DE UMA MESMO CANAL, COMO ACONTECE COM A TV CÂMARA QUE TRANSMITE AO MESMO TEMPO EM FAIXAS DIFERENTES O QUE ACONTECE NO PLENÁRIO E O QUE ACONTECE NAS COMISSÕES PARLAMENTARES. OS PRIMEIROS ESTUDOS SÃO DA DÉCADA DE NOVENTA, NO SÉCULO PASSADO, COMO EXPLICA O COORDENADOR GERAL DE TELEVISÃO DIGITAL DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES.

[SONORA MCTIC] MVI\_0145 0'49''

“É um assunto que começou na verdade em 1994 quando a gente teve o primeiro acesso à televisão digital, aos estudos de televisão digital, então começamos a fazer estudos para verificar se seria interessante para o Brasil usar essa tecnologia aqui. Em 1998 fizemos alguns estudos mais técnicos com algumas entidades como a SET, que é a sociedade de engenharia de televisão, também temos outras entidades que entraram para fazer os estudos mais técnicos sobre essa tecnologia e entre 2003 e 2006 a gente fez vários estudos em campo para verificar qual seria o padrão de televisão digital que escolheríamos para o Brasil”.

[OFF - PASSAGEM]

PARA TER ACESSO A TV DIGITAL É NECESSÁRIO TER UM TELEVISOR QUE TENHA O CONVERSOR DE SINAL OU ENTÃO INSTALAR UM CONVERSOR EXTERNO, DE QUALQUER FORMA A POPULAÇÃO ACABA ARCANDO COM UM CUSTO PARA DESFRUTAR DA TECNOLOGIA.

[SONORA MCTIC] MVI\_0145 07'23'' - 07'53''

“Então, a população para ter acesso a televisão digital tem que ter ou o conversor ou a televisão digital com o conversor embutido. Então ela pode ter o conversor que é esse conversor aqui, ela pode ter esse conversor externo que não precisa estar dentro da televisão, então ela pode usar essa TV de tubo com o conversor externo ou ter uma televisão já com o conversor embutido. Então são essas duas formas que a população tem que se preparar além de ter uma antena que esteja apta a receber as bandas de VHF e UHF”.

[OFF 4]

O VALOR DA VENDA PARA AS OPERADORAS DE TELEFONIA MÓVEL DE PARTE DA FAIXA DE SINAL USADA PELA TELEVISÃO FOI DE CERCA DE 9 BILHÕES DE REAIS. DESSES CERCA DE 5,4 FORAM PARA OS COFRES PÚBLICOS, OS 3,6 BILHÕES DE REAIS RESTANTES FICARAM COM AS PRÓPRIAS OPERADORAS QUE TEM POR OBRIGAÇÃO UTILIZAR O RECURSO PARA A CONSCIENTIZAÇÃO DA POPULAÇÃO SOBRE A IMPLANTAÇÃO DO NOVO SERVIÇO. O MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES GARANTE, TODO ESSE DINHEIRO DEVE SER BEM UTILIZADO.

[SONORA MCTIC] MIV\_0147 11'43" - 11'52"

“Claro que tem auditoria, eles têm que ser auditados e o TCU a qualquer momento pode fazer uma auditoria para ver se esse dinheiro está sendo gasto da melhor forma possível”.

[OFF 5]

COM OS RECURSOS FOI CRIADA A SEJA DIGITAL, UMA EMPRESA QUE FAZ TODA A CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL E DIVULGAÇÃO DO DESLIGAMENTO ANALÓGICO. A SEJA DIGITAL TAMBÉM É A RESPONSÁVEL PELA DISTRIBUIÇÃO DE KITS QUE CONTÉM UM CONVERSOR, ANTENA EXTERNA UHF E OS CABOS PARA A CONEXÃO. O CONVERSOR PERMITE QUE POSSA SER USADO O TELEVISOR ANALÓGICO PARA RECEBER O SINAL DIGITAL. QUEM ESTÁ CADASTRADO NO BOLSA FAMÍLIA E EM OUTROS PROGRAMAS DO GOVERNO TEM O DIREITO DE RECEBER BENEFÍCIO. ASSIM A POPULAÇÃO DE BAIXA RENDA NÃO PRECISA TER CUSTOS PARA ENTRAR NA ERA DIGITAL.

[OFF 6]

DISTRITO FEDERAL FOI UM ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA PARA A MIGRAÇÃO DO SINAL ANALÓGICO PARA O DIGITAL. A SEJA DIGITAL FEZ DIVERSAS CAMPANHAS NA PRIMEIRA ÁREA METROPOLITANA A DESLIGAR OS TRANSMISSORES. NO SETOR HABITACIONAL SOL NASCENTE, UMA DAS REGIÕES MAIS POBRES DO DF, POR EXEMPLO, UMA ASSOCIAÇÃO TEVE UM PAPEL IMPORTANTÍSSIMO AO CONSCIENTIZAR A POPULAÇÃO LOCAL SOBRE A MUDANÇA.

[SONORA DONA MARGARIDA] MIV\_0162 02'36 - 03'08”

“A gente já tem um trabalho bem consolidado com a comunidade então não foi um trabalho difícil de ser feito, porque todos os voluntários foram aqui da comunidade, todos são moradores da comunidade, então quando você mora dentro da comunidade você tem fácil acesso dentro da comunidade, você conhece a comunidade. Então nós montamos esse grupo e para montar o grupo foi rápido, durante três dias nós montamos um grupo de 120 pessoas. ”

MIV\_0163 0'15” - 0'32”

“Então, quer dizer, dessas 120 multiplicou para quase 2.120 pessoas, que foram contempladas aqui, em boca em boca. Em menos de um mês e meio nós fizemos esse trabalho todo aqui dentro”.

[OFF 7]

DURANTE O PROCESSO, OS VOLUNTÁRIOS FORAM DE PORTA EM PORTA, CONVERSANDO COM OS MORADORES E DANDO ORIENTAÇÕES DE COMO ENTRAR NA ERA DIGITAL.

[SONORA DONA MARGARIDA] MIV\_0162 03'36” - 04'51”

“Nós começamos lá em cima na 02 (setor do Sol Nascente), descendo da 02, fazendo a divulgação falando do que é o Seja Digital, como ia funcionar e explicamos para as pessoas que não era só quem recebe o Bolsa Família que tinha direito ao conversor, mas sim aquela pessoa que é cadastrada no Cadúnico. Se você é morador, você mora na casa? – Sim. Você tem cadastro no Cadúnico? – Sim Você já recebeu seu conversor? – Não, porque eu não recebo Bolsa Família. Mas você não tem o cadastro? Não tem o seu número do NIS? – Sim, tenho. Tenho meu cadastro tenho tudo mas eu não sabia que eu tinha o direito de receber. Aí nós explicamos isso, automaticamente nós pegamos o telefone, muitas vezes do celular mesmo liga na casa da pessoa, ligava pro 147. Ao ligar nós agendamos aquela pessoa e a pessoa ia lá e recebia o seu conversor e fica grato pelo seu conversor”.

[OFF 8]

PARA AS EMISSORAS DE TV, TROCAR TODA A TECNOLOGIA DE CAPTAÇÃO E TRANSMISSÃO NÃO FOI NADA FÁCIL. OS DESAFIOS FORAM CONSTANTES.

[SONORA ABERTA] MIV\_0154 02'57" - 03'34" / 08'01"

“Nós fomos obrigados a investir na modernização das emissoras, na troca dos equipamentos, porque troca tudo, não vai ficar nada em pé. Vai trocar tudo, vai sucatear o analógico integralmente. Não dá pra chegar lá e fazer um ajuste, eu vou trocar uma placa no transmissor e pronto. Isso não existe. Então o que as emissoras tiveram: treinar o pessoal, comprar os equipamentos todos novos. Então aqui gastamos bilhões de reais para poder nos manter nesses canais.

Então esse é o principal benefício que nós temos para o telespectador: uma imagem com uma qualidade maravilhosa e de graça, um HDTV de graça, esse é o principal benefício”.

[OFF 9]

EM COMPARAÇÃO A OUTROS PAÍSES, A IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA DIGITAL NO BRASIL ESTÁ SENDO CONSIDERADA UM SUCESSO PELOS DONOS DAS EMISSORAS.

[SONORA ABERTA] MIV\_0153 00'17" - 01'10"

“E Brasília foi desligada com um atraso de três semanas, lá nos Estados Unidos atrasou cinco vezes, atrasou anos. Aqui nós desligamos com três semanas e eu acho que foi muito bom. Aí São Paulo, já esse ano em 2017, no dia 29 de março de 2017 desligamos São Paulo. Distribuimos lá em São Paulo 2 milhões de conversores gratuitamente para a população de baixa renda. O sistema foi desligado sem atraso nenhum no dia do cronograma, uma maravilha. Como diriam os italianos um *capolavoro*, um trabalho realmente muito bem feito de propaganda”.

[OFF 10]

E FOI GRAÇAS AO TRABALHO CONJUNTO DOS VOLUNTÁRIOS DA SEJA DIGITAL, DAS EMISSORAS E DO GOVERNO QUE A DONA BETE TEM HOJE SEU PRINCIPAL MEIO DE DIVERSÃO, ASSIM, COM UMA IMAGEM LIMPINHA. AGORA ELA ESTÁ FELIZ DA VIDA APROVEITANDO A PROGRAMAÇÃO DIGITAL DAS EMISSORAS FAVORITAS.

[SONORA DONA BETE] COM RISADA NO FINAL MIV\_0176 10'40" – 10'58"

“Então a televisão... olha aí, tudo o que eu quero eu vejo. Pra mim então é uma alegria muito grande, entendeu? Não só pra mim, como pra minha família, meus filhos meu netos, todo mundo tá feliz”.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pude observar a grande transformação da digitalização de um meio de comunicação que é a única fonte de diversão de uma humilde dona de casa que mora em uma das regiões mais pobres do Brasil.

A satisfação e o brilho no olhar daquela senhora me enchem de orgulho por ter registrado esse momento no trabalho apresentado. A importância do trabalho exercido pelo Ministério das Comunicações, emissoras de TV e voluntários da empresa Seja Digital é muito além da mudança de tecnologia que a digitalização oferece. A mudança na vida das pessoas, dos telespectadores. É na televisão onde o brasileiro se encontra. É por este meio que o povo decide em quem votar para Presidente da República, se a Seleção Brasileira ganhou a Copa do Mundo e até o final daquela novela que discute e insere temas de tamanha importância no cotidiano.

Construir uma grande reportagem, seguindo as técnicas jornalísticas e com pouca experiência de como fazer, foi o maior desafio deste trabalho. Dificuldades com equipamentos e softwares surgiram durante o processo, mas, nada que tenha prejudicado a entrega final do produto aqui apresentado.

Concluo que a entrada da televisão digital no Brasil foi de amplo avanço para os profissionais de comunicação e para o telespectador. A interatividade trazida neste meio mudou a forma de assistir televisão, que era a mesma desde o seu surgimento. Mesmo com o alto custo de implantação para as emissoras e também o custo para a população a tecnologia chegou para melhorar a relação emissor-receptor.

Entrevistar personagens que, de fato, viveram toda essa mudança foi o diferencial do produto. A personagem Margarida foi uma peça chave, além de ser uma líder comunitária de grande relevância no Setor Habitacional Sol Nascente, uma das regiões mais pobres do Brasil, na capital do país. Margarida mostrou a alegria, a força de vontade em fazer mais pela comunidade onde vive. Ela mobilizou centenas de pessoas que seguiram mobilizando tantas outras para ajudar a melhorar, muitas vezes, o único meio de diversão das famílias daquela região.

A dona de casa, Elisabete, mostrou uma alegria e uma extrema humildade e carinho ao conceder entrevista para este trabalho. O brilho no olhar daquela senhora prova, acima de tudo, que todo este trabalho de digitalização da televisão aberta não trata apenas de recursos, interesses e mudanças tecnológicas, mas sim na mudança

de um hábito que os brasileiros cultivam de geração em geração há mais de sessenta décadas.

## 5 REFERÊNCIAS

**BEYOND Citizen Kane.** Direção de Simon Hartog. Produção de John Ellis. United Kingdom: Large Door Ltd, 1993. Color.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV.** São Paulo: Contexto, 2008.

BOLAÑO, César & VIEIRA, Vinícius Rodrigues. TV digital no Brasil e no mundo: estado da arte. In: **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, vol. 6, num. 2. 2004. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/242226768\\_TV\\_digital\\_no\\_Brasil\\_e\\_no\\_mundo\\_estado\\_da\\_arte](https://www.researchgate.net/publication/242226768_TV_digital_no_Brasil_e_no_mundo_estado_da_arte)>. Acesso em: 27 jun. 2017.

BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de Fazer.** 3. ed. São Paulo: Globo, 2009.

CARVALHO, Leonardo Morato de. Repórter Esso: Testemunha ocular da história paulista. In: **XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 30. 2007, Santos. Artigo. Santos: Intercom, 2007. p. 1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0519-1.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de Televisão: Como produzir, executar e editar.** Petrópolis: Vozes, 2008.

DICIO. **Significado de Televisão.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/televisao/>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra Suzzato, 2001.

GARCIA, Alexandre. **Nos bastidores da notícia.** 3. ed. São Paulo: Globo, 1990.

HERZ, Daniel. **A História Secreta da Rede Globo.** Porto Alegre: Dom Quixote, 2010.

JOST, François. **Compreender a televisão.** Porto Alegre: Sulina, 2007.



LÉLIS, Lucas; PAIM, Marianne. **Adeus chuvisco**: Projeto promete melhoria de imagem e da faixa do sinal 4G. 2015. Disponível em: <<https://artefatojornal.wordpress.com/2016/03/14/adeus-chuvisco/>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. São Paulo: Senac São Paulo, 2000.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O Texto na TV**: Manual de Telejornalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

PEREIRA, Livia Cirne de Azevêdo; BEZERRA, Ed Pôrto. Televisão digital: do Japão ao Brasil. **Revisa do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba**, Paraíba, p.1-11, dez. 2008.

PINTO, Tales dos Santos. "**Breve História da televisão**"; Brasil Escola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

VILLELA, Regina. Profissão: **Jornalista de TV**: Telejornalismo Aplicado na era digital. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.



**Universidade  
Católica de Brasília**

**Campus I - QS 07 – Lote 01 – EPCT – Águas Claras – Brasília – DF CEP: 71966-700 - (61) 3356-9000  
Campus Avançado Asa Norte - SGAN 916 Módulo B Avenida W5 - CEP: 70790-160 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3448-7134  
Campus Avançado Asa Sul - SHIGS 702 Conjunto 2 Bloco A - CEP: 70330-710 - Brasília/DF - Telefone: (61) 3226-8210**